

O VAGAR DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA

Cátia Marinello¹

Marlí De Conto²

Sônia Regina da Luz Matos³

Eixo temático: 1. Alfabetização e políticas públicas

Resumo:

O presente artigo descreve cenas narradas por uma professora, sendo que cada uma delas é fragmentada por uma imagem. As cenas das Pedagogias de Alfabetização serão embasadas por meio dos estudos de Matos (2009; 2014), envolvendo: método tradicional, método fônico, letramento, letramento com base alfabética. Essa escrita tem por objetivos: mostrar as cenas das Pedagogias Alfabetizatórias; vagar pelas cenas de alfabetização na tentativa de desviar dos métodos alfabetizatórios. O vagar será fomentado a partir do vagabundear de Deligny (2018), o qual permite que a professora se movimente pela escrita descrevendo as cenas, na tentativa de desviar das Pedagogias Alfabetizatórias e de criar outras cenas, as quais serão: vagar, espontaneidade, leitura de leite, história coletiva e conversação, questionando os métodos de alfabetização. Atualmente, vivemos devorados em um sistema capitalista baseado em políticas públicas que camuflam a aprendizagem, e o ensino ocorre pela reprodução, brutalmente impregnado pelo mercantilismo para formar indivíduos marionetes. As cenas que surgem na tentativa de desviar os métodos de alfabetização proporcionam à criança o pensar e o criar, atribuindo à alfabetização vários sentidos que perpassam os métodos alfabetizatórios e os muros da escola, vagando por uma escrita e uma leitura inventiva.

Palavras-chaves: Alfabetização; Cena; Vagar; Pedagogias; Mercantilismo.

Cena: introdução

A escrita do texto será descrita por meio de cenas de alfabetização, as quais são definidas como método e partes integrantes do texto com base no autor Voigt (2019), quando

¹Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Professora da Educação Básica de Veranópolis. Membro integrante do Grupo de Pesquisa sobre Educação, Filosofia e Multiplicidade na Contemporaneidade (CNPq). Contato: cmarinello@ucs.br

²Graduada em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul. Professora da Educação Básica de Veranópolis. Membro integrante do Grupo de Pesquisa sobre Educação, Filosofia e Multiplicidade na Contemporaneidade (CNPq). Contato: mconto4@ucs.br.

³Professora do PPGedu/UCS, Grupo de Estudos Pedagogia da Diferença. Contato: srlmatos@ucs.br.



cita o filósofo francês Jacques Rancière, em que define o conceito como: “criar, em torno de um conflito singular, uma cena onde se põe em jogo a igualdade ou a desigualdade dos parceiros do conflito enquanto seres falantes” (VOIGT, 2019 *apud* RANCIÈRE, 1996, p. 62), sendo que essa não é só o simples ato de contar ou escrever, mas sim algo que se repete a fórmula, porém em meio a um pensar singular em cada uma delas. A cena é contextualizada por meio de um cenário, encorpada com personagens, espaço, tempo, detalhes minuciosos, incrementada com teoria, magia, criação e com um toque de leveza. As cenas acontecem com crianças da Educação básica para as quais a professora leciona. Cada cena é fragmentada por uma imagem – aqui, foto - e descrita como partes do vagar. O primeiro objetivo do texto é mostrar as cenas das Pedagogias Alfabetizatórias. O segundo objetivo é vagar pelas cenas de alfabetização na tentativa de desviar os métodos alfabetizatórios. O vagar vai ao encontro da cena, quando a alfabetizadora se torna pesquisadora, pois somente se faz pesquisa quando se duvida da verdade verdadeira, quem escreve para um coletivo, um vagar que traz uma escrita viva, um vagar encontrado no escritor francês Deligny (2018) - “vagabundear” - que pode permite mover-se pela escrita e pela leitura. Longe da superficialidade do senso comum, os vagabundos de Deligny são indivíduos “[...] capazes de inventar situações propícias para que os menores delinquentes possam avaliar por si próprios, porém juntos, a sua ‘inadaptação’ [...]”. (DELIGNY, 2018, p. 12) A escolha do vagar é a condição da existência, vagabundear é permitir-se perguntar e a criar cenas usando o corpo como papel de escrita, por vezes em momentos de sofrimento, cansaço, ou por momentos de alegria. A tinta funciona como o sangue que pulsa no corpo e não estabiliza, a mão pulsa como o coração, às vezes mais forte, outras devagar, assim como a escrita.



Cena: método tradicional

A professora caminha pelos corredores da escola, olha as paredes pintadas de branco. Grudados nelas, quadros com o alfabeto e números. Passa por portas fechadas – nelas, estão cartazes de “bem-vindos”. Em sua mente, está o planejamento. Antes, escreveu no caderno toda a aula. Ela sabe cada explicação a ser dada, já imagina as possíveis perguntas que ouvirá. Chega a sua porta. Ao abri-la, recorda da leitura realizada na noite anterior:

No fundo do quintal, onde a mangueira ergue pátios de sombra e ninguém interrompe, senta-se o aluno predisposto à obediência. E a aula começa.

a e i o u

lábios abertos, as bocas das crianças pouco se alteram desenhando sons tão curtos, vazados de intervalos, sem entusiasmo que diga o que pretendem. Fala estranha para o cão, já acostumado com palavras inteiras. Mas os

⁴ As cenas são fragmentadas por uma foto tirada pela autora, imagem de uma toca de rato de banhado, pois as tocas são diferentes umas das outras, são singulares e únicas, assim como cada cena descrita pela professora.

meninos não sabem até onde ele pensa, e o que conhece
a e i o u
repetem, tornam a repetir. (COLASANTI, 1978, p. 105-106)

A professora entra por aquela porta e começa a aula partindo da letra para formar novas palavras. Ela utiliza atividades do livro didático, nas quais a criança necessita, com ajuda do som da letra, escrever as letras iniciais de cada imagem e assim formar novas palavras. Ou então formar a família silábica e através dela lembrar de palavras que iniciem com aquela sílaba. A necessidade da alfabetização em massa da população fez com que fossem introduzidos os métodos. Segundo Matos (2009), há registros datados de 1876 com a utilização da cartilha João de Deus, entretanto, com a disputa das editoras, vieram à tona os métodos sintético e analítico. O primeiro baseia-se no ensino das partes (letra, sílaba e fonema) para o todo (palavra, frase ou texto) privilegiando a audição, já o outro parte do todo (palavra, frase ou texto) para as partes, com o privilégio da visão. “A escolha do método mais adequado constituiu-se como principal fator de obtenção de êxito na aprendizagem”. (MATOS, 2009, p. 20) Conhecendo esses métodos, a professora segue sua aula formando frases com as palavras da ficha.



Cena: método fônico

Aquele é o ambiente em que a professora transita todos os dias - o corredor, o piso com ladrilhos, as paredes. Ela abre a porta e encontra crianças, vai até uma caixa que está no final da sala e pega uma quantidade de letras móveis (alfabeto feito em EVA ou madeira) e deixa algumas letras caírem pelo chão ao caminhar pela sala. Nesse percurso, conta uma história inspirada no conto João e Maria⁵. Chega ao final da sala, coloca as letras que restaram sobre uma mesa. Neste momento, ela vira e já há algumas crianças segurando as letras que estavam caídas no chão. Ela questiona: “que letras são essas que estavam caídas?”. Cada um responde o nome da letra que está segurando (D, V, A, E, X, L, I). A professora pergunta se poderíamos formar uma palavra com aquelas letras. Algumas crianças prontamente respondem: LIXA, VELA, DEIXA. Ao final, a atividade é retomada mostrando que as letras caídas no chão estão sozinhas, isoladas. Assim referimo-nos a elas com o seu nome, porém, ao montar a palavra, utiliza-se seu som.



Cena: letramento

Diariamente, a professora brinca de caminhar somente dentro dos quadrados dos

⁵Disponível:http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-pramim/livros/versao_digital/joao_e_maria_versao_digital.pdf. Para a cena, a professora conta a história inspirada na original, porém muda os fatos, dizendo que neste caminhar é a professora que deixa cair letras no chão.

ladrilhos, sem pisar no rejunte. Vai subir a escada e quando coloca o pé no primeiro degrau, vira o olhar, pois algo a chama sua atenção: um garoto em frente a um quadro com escritas. ele tinha uma das mãos erguidas e desenhava no ar uma letra. Subia, descia inclinado, subia inclinado e descia: era o “M”. Fez duas ou três vezes o riscado da letra no ar, até que alguém o chama: “Manuel!”. Tira-os do devaneio: o menino e a professora, que ali a tudo assiste. Algo está diferente, até confuso, pois no poema do quadro predomina a letra V⁶. Claro, o escritor é Manuel Bandeira. Manuel reconheceu a letra e seu nome na parede da escola e grafava-a no ar utilizando seu conhecimento no seu contexto social.



Cena: letramento com base alfabética

A professora segue seu rumo ao se dirigir até a cantina para tomar café. Passa pelo pátio - no chão, frases com incentivos para às crianças. Cercada por muros altos, depara-se com uma delas agachada segurando um giz de quadro negro e gesticulando. Ao se aproximar, pergunta o que ela está fazendo ali sozinha. A criança responde que, quando estava voltando para a sala, reparou naquelas letras no chão e recordou que a sua professora falou que as letras que estavam estudando seriam encontradas em vários lugares e, sublinhando uma palavra específica (ESCOLA), comentou: “mas, Profe, essa palavra está estranha, porque o A tem que vir antes na palavra, tem que ser a primeira e aqui está no final, e começa com E que vem depois do A. Já eu, profe, estou certo: o A do meu nome, AUGUSTO, é a primeira letra no nome”. Com a cena, retomamos a fala de Matos (2014, p.181) quando diz que:

[...] as questões com base alfabética, que foram e são tão valorizadas nos clássicos métodos de alfabetização, são abordadas por dentro do letramento. Produzindo a possibilidade de fazermos uma prática pedagógica em alfabetização, próxima das questões discursivas que envolvem a função da linguagem, no seu cotidiano [...].

Assim, a professora começa a questionar a sua prática, o seu fazer sala de aula. Como poderia ela sair destes muros da instituição escola que muitas vezes impedem o aluno de alçar voos?



Cena: vagar

Sábado de manhã. As crianças brincam por meio de idas e vindas, pega-pega, esconde-esconde, rolam na grama - essa é uma superfície rasa, nem frágil demais e nem concreta demais, remete a flutuar pelo chão de uma infância de terra, subir e descer das

⁶ Poema Ponteio, de Manuel Bandeira. Disponível: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/manuel-bandeira.htm>.

árvores, correr no meio do milho, pular corda, andar de pés descalços no final de semana na casa da vó, é esse tom que é o vagar nessa dissertação, é de uma existência, é de um vagar para a professora permitir-se questionar, perguntar na tentativa de desviar das Pedagogias Alfabetizatórias em uma forma de vagar pelos métodos das pedagogias e tentar criar outras cenas, a fim de encontrar algum minúsculo através da escola engessada em que as políticas públicas transformaram os métodos em fontes de solução. É ter voz de professora num país onde muitas vezes ela é silenciada pela política pública baseada no mercado de trabalho e que trata as Pedagogias Alfabetizatórias como salvadoras, sendo estas consideradas como as únicas formas que a criança aprende.



Cena: espontaneidade

São 15 horas! A professora solicita auxílio para carregar baldinhos, gravetos, pazinhas e panelinhas. Diz: “Crianças, coloquem o boné e vamos para o parque brincar de escrever!”. No parque, a professora solicita para as crianças escreverem com letras ou sinais gráficos algo que queiram. Cada uma fará um cantinho na areia e irá escrever com os utensílios trazidos, com letras ou com qualquer sinal gráfico e apresentará ao redor da cancha da areia a sua criação de escrita para os colegas. A espontaneidade é um ato de perguntar pela ação dos métodos de alfabetização, ato de perguntar pela cópia, pelo ato de fazer algo já pronto, já dado. Uma cena em que a professora vaga para se questionar os movimentos de coordenação motora ampla e fina. (MATOS, 2014) Ato de vagar na cena para dar outros sentidos aos acontecimentos, além desses que os livros didáticos trazem. Há outras formas de explorar esses movimentos retirados das veias da cena na qual a mente vagabundeia, que movimentem a ação do ensinar e aprender de uma forma menos engessada do que propõe a escola, fora da rigidez mecanizada. A cena da espontaneidade violenta a repetição do método tradicional, ato de transgredir a produção do pontilhado, a ficha, a cópia na efetuação da prática das Pedagogias Alfabetizatórias.



Cena: leitura de leite

Dia ensolarado, terça-feira à tarde, a professora chama as crianças para uma rodinha no tapete no canto da sala de aula: o cantinho da leitura - com almofadas no chão, no centro, livros de histórias infantis, revistas, jornais, histórias em quadrinhos, livros somente com gravuras para os estudantes ficarem à vontade para escolher um deles e fazer a leitura do seu jeito, bem como quiserem (sentados, deitados, de bruços). Posteriormente, a professora solicita que formem uma roda no tapete e uma criança por vez reconta o que leu para os colegas. A cena da leitura de leite envolve um vagar da professora pela fuga da aplicabilidade

do texto para a escola, no qual a leitura só é considerada correta se a criança ler conforme a norma culta. A cena se movimenta quando a professora oferta diferentes materiais de leitura e proporciona a escolha para a criança ler o que quer e do seu jeito, passando a ser uma leitura prazerosa, e não parte do sistema da escola baseado somente em certo ou errado. O vagar proporciona dar fluxo às perguntas que foram sendo escritas para potencializar inquietações e idealizações sobre o ensino. Acontece, pois, a fuga do modelo da leitura e do texto padronizada pela instituição, na qual a professora é submetida a corrigir devido às políticas públicas. A fuga da aplicabilidade da leitura padrão serve como saída para um combate sem necessariamente ter e ser de uma estrutura sistemática e enfatizada na base alfabética.



Cena: história coletiva

Quinta-feira à tarde, a professora chama as crianças para uma rodinha no pátio da escola, coloca um pedaço de bambu no centro e explica que cada um vai pegar o bastão na mão e começar a falar uma frase. A criança só poderá falar se estiver com o bastão na mão. Após, a professora inicia: “Era uma vez uma bruxa que morava numa floresta. Certo dia, quando foi lavar as roupas no rio, encontrou...”; outra criança continuará a sua fala e assim sucessivamente até todas as crianças falarem. A cena da história coletiva deve romper o que perpassa outros regimes de signos (visuais, auditivos, gráficos...). Um desvio principalmente restrito aos sons das letras na codificação e decodificação das palavras. Desvio de palavras sem vida ou palavras de ordem, de reprodução e de memória atravessadas pela ação do vagar, os quais se encontram no território da multiplicidade de diferentes signos linguísticos que rodeiam a criança. Desvia-se da reprodução mecânica e repetitiva da atividade de aplicabilidade “dada” nas Pedagogias Alfabetizatórias, e o vagar passa a “[...] funcionar como verdadeira instância da antiprodução [...]” (BORGES, 2018. p. 90) na cena em que a linguagem da escrita inventiva acontece pela criança.



Cena: conversaço

O recreio termina. A professora entra na sala de aula com as crianças, que estão agitadas, então decide dar um passeio a pé pelo bairro da e solicita que observem onde aparece algum sinal gráfico que lembre leitura ou escrita. Após o retorno do passeio, no ginásio, solicita que as crianças registrem em um papel pardo coletivo, com pincel e tinta têmpera, quais sinais gráficos foram significativos e remeteram à leitura ou à escrita para elas. Posteriormente, após todas fazerem o registro, uma criança por vez apresenta para os colegas. Aqui, na cena da conversaço, o vagar da professora é na tentativa de fazer um

desvio da base alfabética que aprisiona a língua, como um respiro da alfabetização em meio à vida. Abrange um regime de signos, junto aos linguísticos (da base alfabética, ortográfica, etc.), mas não se reduz a ele. A alfabetização ganha espaço pedagógico alfabetizador quando se percebe que a língua é “[...] território em sentido dinâmico [...]” (BORGES, 2018. p. 258), aberta, viva. Ao desviar das Pedagogias Alfabetizatórias e retirá-las das palavras que circulam na ordem atividade-trabalhador-aluno. (BORGES, 2018) O ensino da alfabetização torna-se ensaio de escrita e de leitura de um vagar criado pela criança e não dado pela escola conforme as políticas públicas.



Cena: conclusão

O ato de vagar nas cenas proporcionou à professora a fuga do utilitarismo, a fuga das Pedagogias Alfabetizatórias, afinal, as cenas são uma movimentação das potências. Elas trazem outra entonação, uma escrita movimentada por uma política permeada por perguntas, nas quais são questionadas verdades (im)postas em um vagabundear móvel. Nessas cenas, ela se torna alfabetizadora e pesquisadora. Ocorre um desvio entre o “acomodar”, o “perguntar” e o “responder”. A professora questiona pela ordem dos métodos de alfabetização. Uma escrita que provoca resistência de todas as formas quando tentam enquadrar a criança somente ao mercado de trabalho, no mundo da reprodução, focados nos métodos de alfabetização. A educação brasileira “[...] vê seus jovens sempre mais do que crianças, mais do que homens e mulheres, mais do que cidadãos, mais do que trabalhadores, mas, nunca os vê como intensidades em devires múltiplos” (BORGES, 2018, p.69), não os vê como potência de uma escrita heterogênea, de variados combates. O ato da alfabetização provém de um devir de leitura engessada, do devir de um tipo de leitura baseado na codificação e na decodificação, de um devir de uma leitura e escrita conformáveis e restritas, entretanto, conforme Borges (2018, p.203) “O devir é aqui entendido como processo de mudança [...]”. As cenas: espontaneidade, leitura de leite, história coletiva e conversação proporcionam à professora elementos que possibilitam uma perspectiva sem que os resultados da pesquisa tenham que ser conquistados. Abrem possibilidade ao direito de sair do espaço de professorinha viciada pela interpretação do certo ou do errado e tornar-se pesquisadora. “A educação brasileira “[...] comporta a relação produção – distribuição – consumo” (BORGES, 2018, p.19), ou seja, em sala de aula, quando temos as cenas das Pedagogias Alfabetizatórias, aparece como consequência o efeito reprodução-repetição-memorização. Essas cenas são vulneráveis, cada uma é singular, pois expressam a violência de um sistema burocrático de políticas públicas engessadas no assujeitamento do professor e na submissão da alfabetização pelos métodos, e muitas vezes voltadas para a venda do livro didático, devido ao mercantilismo, considerado “salvacionista” os métodos de alfabetização, os quais deixam

de criar uma escrita viva, sem permitir o questionar.

Referências

BORGES, Gonçalves Bruno. **Adeus, Formação: O Anti-Emílio Anunciador do conceito de programa de vida**, 2018, 328p. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/24074/1/AdeusForma%c3%a7%c3%a3oAnti.pdf>. Acesso em: jun. 2021.

MATOS, Sônia Regina da Luz. **Alfabetização e escritura**. Caxias do Sul: EducS, 2009.

MATOS, Sônia Regina da Luz. Planejamento e Metodologias em Alfabetização. In: MATOS, Sônia Regina da Luz; SCHULER, Betina. (Orgs.) **Diálogos com a educação: política, escola e escrita**. Vol. 3. Caxias do Sul: EducS, 2014, p.175- 199.

VOIGT, André F. **O conceito de “cena” na obra de Jacques Rancière: a prática do “método da igualdade”**. Kriterion: Revista de Filosofia. Publicado em 13 de maio de 2019. Jan-Abr. 2019.

COLASANTI, Marina. Canis Familiaris. In: LADEIRA, Julieta de Godoy (org.). **Lições de casa: Exercícios de imaginação**. [S. l.]: Cultura Editora, 1978. p. 101 - 114.